

## **O SOLDADO E O SOBREVIVENTE: DESAFIOS DO ESTUDO DA SHOÁ NO BRASIL**

Michel Gherman\*

**Resumo:** O presente artigo pretende propor uma reflexão acerca da construção da memória do Holocausto no interior da comunidade judaica no Brasil. Depois de 70 anos desde o fim da II Guerra Mundial e após poderosos processos de integração dos judeus ao país, nos interessa saber, no que diz respeito a II Grande Guerra, com quais símbolos os judeus brasileiros mais se identificam e de que personagens eles estariam mais distantes. No artigo discutiremos a relação com dois personagens que tiveram ativa participação no conflito armado: De um lado Alexander Lacks, o sobrevivente e de outro Salomão Malina, o soldado. Se Lacks representa o símbolo máximo da sobrevivência a shoá (ele esteve no gueto de Lodz e no campo de Aushwitz), Malina representa, so sentido pleno da palavra a resistência, já que foi membro da Força Expedicionária Brasileira. Somente um deles entretanto entra no panteão dos heróis judeus para a comunidade local. Aqui queremos discutir quais as estratégias e os desenvolvimentos políticos de destacam um deles em detrimento do outro.

**Palavras chave:** comunidade judaica, holocausto, identidade, memória, Brasil.

---

\* Núcleo Interdisciplinar de Estudos árabes e Judaicos –UFRJ Programa de Pós Graduação em Estudos Judaicos- UFRJ

**Abstract:** This article reflects on the construction of memories of the Holocaust within the Brazilian Jewish community. Seventy years after the end of World War II and after a dynamic process of the integration of Jews into the country's fabric, it is interesting to find out what the community has said about World War II, which symbols Brazilian Jews most identify with, and which figures they distance themselves from. This article discusses this relationship regarding two people who were actively involved in the armed conflict. One is Alexander Lacks, a survivor, and the other is Salomão Malina, a soldier. If Lacks represents the utmost symbol of a survivor of Shoá, since he was in the Lodz ghetto and the Auschwitz concentration camp, Malina represents the resistance in the most direct meaning of the word, since he was a member of the Brazilian Expeditionary Force. Only one of the two has entered into the pantheon of Jewish heroes for the local community. The article discusses the strategies and the political developments that emphasize one to the detriment of the other.

**Keywords:** Jewish community, holocaust, identity, memory, Brazil

## Introdução

### *Estudos da Shoá como periferia da II Guerra*

O aniversário de 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, coincide, e não por pura casualidade, com o aniversário de 70 anos de liberação de Aushwitz. No Brasil e no mundo ocorreram diversos eventos e debates sobre a septuagésima data do fim do maior conflito mundial. Pode-se afirmar que as ocasiões para debates sobre o tema foram numerosas e abertas. Pode-se afirmar, também, que tais debates eram estabelecidos partir de perspectivas interdisciplinares que propiciavam importantes oportunidades de diálogo entre diversos campos de conhecimento que consolidavam uma produção acadêmica bastante variada, rica e diversa.

Não há dúvidas de que o conflito ocorrido entre os anos de 1939 e 1945 produz novas relações, estabelece uma nova economia e apresenta novas fronteiras em uma nova era de embates políticos e ideológicos. Da mesma forma, parece difícil imaginar qualquer debate mais contemporâneo (um debate pós-pós guerra mundial<sup>1</sup>) sobre política internacional, economia, ou matérias afins, que não leve em consideração o conflito que se encerrava, no continente europeu, em maio de 1945.

Em paralelo, é de se destacar a dimensão periférica que o septuagenário aniversário de liberação do maior campo de extermínio nazista (ocorrido em janeiro de 1945) recebeu. Para além dos debates acima propostos, os resultados humanos da perseguição nazista aos judeus, no que pode-se chamar de "uma guerra contra os judeus" (WASSERSTEIN, 2014, PP. 394-398) acabara por ficar em segundo plano.

---

<sup>1</sup> Utilizo aqui o conceito proposto por Tony Judt, de mundo pós-pós II Guerra. Ver: JUDT, Tony. Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva. 2007. pp. 692-698.

Afora debates, estudos e conferências ocorridas em âmbitos mais internos, vinculados de maneira direta com os chamados “estudos judaicos”<sup>2</sup>, pouco se disse sobre o holocausto, ou mesmo sobre a liberação de Aushwitz, no contexto de estudos da Segunda Guerra Mundial. Cabe aqui também afirmar que o aniversário da libertação de Aushwitz foi lembrado por membros das coletividades judaicas de diversos países (o Brasil não foi diferente). Além disso, a data foi oficialmente lembrada pelo Estado de Israel, que promoveu cerimônias e debates políticos sobre o tema<sup>3</sup>.

Assim, é possível afirmar que, de maneira geral, a reflexão sobre a Shoá está conectada em debates sobre histórias de genocídios, referências a pesquisas de direitos humanos, ou está, fundamentalmente, no marco dos chamados “estudos judaicos” e se encontra, em grande medida, desconectada dos estudos sobre Segunda Guerra Mundial<sup>4</sup>. Neste contexto, se as pesquisas feitas sobre II Guerra Mundial levam em conta reflexões sobre relações internacionais, história militar, história econômica, debates sobre história da diplomacia, enfim tudo aquilo que se convencionou chamar de historiografia política, enquanto isso, os estudos sobre shoá se concentram em uma zona periférica e parecem apontar para uma relação de autonomia entre o extermínio dos judeus na Segunda Guerra e a própria Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>2</sup> Em algum sentido, o reconhecimento, nos anos 1950, da extensão dos crimes nazistas contra populações judaicas europeias, acaba por fundar um campo de pesquisa vinculado ao estudo de genocídios, ou aquilo que se convencionou chamar, desde 1948 (tendo como referência a Declaração Universal dos Direitos Humanos), de crimes contra a humanidade. Ver: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. pp. 147-152.

<sup>3</sup> <http://www.haaretz.com/jewish/news/.premium-1.639023>

<sup>4</sup> Para além do trabalho já citado de Baumann, *Holocausto e modernidade*, cito dois trabalhos que são referência no campo de estudos da shoá e mantem separação entre “as duas guerras” já discutidas acima: HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews: Revised and Definitive Edition*. Nova York: Holmes & Méier, 1985. & FRIEDLANDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews: The Years of Persecution, 1933-1939*, New York : HarperCollins, 1997.

De fato, poucos são as pesquisas e os trabalhos que se propõem a discutir shoá e guerra, guerra e shoá<sup>5</sup>. Da mesma forma, Poucos são as investigações que vinculam os desenvolvimentos militares da II Guerra com as perseguições da shoá. Se esta é a situação em centros de estudos mais tradicionais, como os Estados Unidos, a Grã Bretanha e os antigos países socialistas (a Polônia é um bom exemplo), a situação no Brasil não vai ser diferente. Ao contrário, aqui ela pode ser ainda mais pungente. Aqui como lá, a shoá parece estar relegada a "estudos de área", flutuando sobre temas mais duros como os já citados acima.

Nesta perspectiva, parecem pouco existir, conexões entre, por exemplo, as leis de Nuremberg e a invasão alemã a Polônia, a noite dos cristais e anexação da Áustria pelos nazistas, ou mesmo o processo de "guetoização dos judeus" poloneses (KASSOW, 2009. PP. 122-186.) e os acordos de Rbentrop-Molotov, assinados entre União Soviética e a Alemanha. Neste contexto, há percepção de um tipo de isolamento entre as vítimas judias (ou classificadas como judias) da shoá e as vítimas não judias II Guerra Mundial.

Tal desconexão produz duas historiografias distintas e paralelas, aqui surgem análises diferenciadas e autônomas, uma da guerra e outra do genocídio, uma do conflito e outra do extermínio, uma dos confrontos militares e estratégicos e outra da evacuação e do desaparecimento de populações inteiras.

Como resultado, há pouco diálogo entre estudos da "II Guerra Mundial" e reflexões a respeito da "Guerra contra os judeus". Apesar de haver clareza no uso de um aparato industrial militar para o extermínio de elevados contingentes civis, esta dimensão é vista de maneira isolada no contexto do confronto internacional. Como efeito, uma espécie de "história das vítimas" é escrita por seus descendentes ou pretensos descendentes.

---

<sup>5</sup> Mesmo em obras referências sobre o tema, a separação amalítica entre os estudos sobre a Shoá e sobre a Guerra se mantém. Cito Aqui, alguns autores, que fazem estudos sobre holocausto como uma aproximadamente desta forma: BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998. HILBERG, Raul. *The Dstruction of European Jews*. New York:Publisher: Holmes & Meier, 1985; FRIEDLANDER, Saul. *The Years of Extermination: Nazi Germany and the Jews, 1939-1945*. Neste caso, pode –se afirmar que Arendt foge a regra e tenta fazer conexões entre decisões pol´ticas de uma guerra e os resultados de outra. Ver: ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém, um Relato sobre a Banalidade do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Desta forma, versões de uma espécie de “lugar de fala” (ORLANDI, 2002, p. 39) surgem em textos sobre a shoá. Aqui, para além da desconexão acima discutida, ganham força discursos das vítimas diretas do genocídio, ganham força discursos de grupos que falam em seus nomes, sejam seus familiares ou membros das chamadas “comunidades das vítimas” ou ainda, e aqui nos interessa principalmente, ganham legitimidade historiadores, cientistas sociais e autores que pretendem, em sua escrita, “recuperar”, como eles mesmo dizem, a memória das vítimas.

Neste processo a memória e o testemunho de homens e mulheres que foram, como afirma Primo Levi “afogados” na experiência da Shoá (LEVI, 1990)<sup>6</sup> passam, a substituir perspectivas históricas mais consolidadas ou centrais. Neste sentido, diários, cartas e toda uma gama de fontes primárias encontradas no pós guerra passam a reconstruir o antes e o depois do dilúvio nazista.

Famílias inteiras que desapareceram passam a ser conhecidas por estas investigações, histórias de campos de concentração, até então desconhecidas, de pessoas “tragadas na noite espessa do extermínio” (WIESEL, 2010) passam a ser contadas e conhecidas. Repentinamente, a experiência historiográfica passa a constituir-se em uma experiência de arquivista, que deve, e esse é seu maior esforço, colecionar histórias, dores e sentimentos contados por testemunhos de experiências quase incontáveis.

Este “império da memória” passa a disputar espaço com uma “outra produção historiográfica”. Testemunhos orais passam a se estabelecer no lugar da leitura cansativa e demorada de documentos, aqui, com o tempo, os relatos de “sobreviventes” passam a ocupar o espaço de uma produção historiográfica mais tradicional. Como resultado, para além da desconexão entre guerra (mundial) e extermínio (dos judeus), há um espaço de desenvolvimento político bastante específico.

---

<sup>6</sup> Utilizo aqui a definição lapidar de Levi para se referir aos mortos e aos que resistiram a catástrofe nazista. Ver: LEVI, Primo. *Os afogados e os Sobreviventes: Os Delitos, os Castigos, as Cenas, as Impunidades*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Neste contexto, o estudo da shoá, que constituiu-se em algo periférico e descentralizado em relação ao estudo da guerra, passa servir, ainda, para um certo fortalecimento identitário. Ou seja, o estudo do holocausto pode se estabelecer como referência de construção de identidades específicas<sup>7</sup>. Neste caso, identidade das vítimas, em relação aos seus algozes.

Este processo ocorre no mundo inteiro. Em vários países há, há anos, programas de estudos da shoá vinculados ao fortalecimento da identidade judaica de alunos de escolas judaicas. Isso acontece em países que contam com fortes coletividades judias na diáspora, mas também acontece na sociedade israelense, em projetos que estão inseridos em programas de educação pública e estatal. Nesse contexto, o filósofo Avraham Burg, analisa o caso do estudo (e do ensino) da shoá na sociedade israelense, através da análise das comemorações dos 60 anos da liberação de Aushwitz:

Enquanto o aniversário de 10 anos de liberação de Aushwitz quase não foi comemorado, o quinquagésimo aniversário, foi patético, o sexagésimo foi, repentinamente, feito com cerimônias extravagantes, shows pirotécnicos e festas ao estilo hollywoodiano, que comemoravam, pasmem, 60 anos de nossas mortes. (BURG, 2008, P. 13.)

No trecho acima, Burg se refere a "comemorações" e "festas" exclusivamente dedicadas a "libertação de Aushwitz". Aqui está o já citado "uso político" da shoá. Para além de ser tema de estudos judaicos ou de estudos de genocídio, o estudo do holocausto se estabelece (nos últimos anos) como referência de fortalecimento de identidades, no caso identidades judaicas entre judeus.

Neste sentido, as investigações da shoá estariam não somente concentrados no campo dos estudos judaicos, mas estariam ainda relacionadas a políticas do Estado Judeu e às "comunidades judaicas." Neste contexto, os sobreviventes reinariam de forma absoluta e inatacável.

---

<sup>7</sup> Refiro-me aqui a projetos sobre o estudo da Shoá no Brasil, como o caso do programa Marcha da Vida, iniciado nas escolas judaicas no Rio de Janeiro em 2008. Ver: GHERMAN, Michel. *O Sionismo e o Uso Político Pedagógico da Memória da Shoá*. In: <http://seminariomemoriatraumaereparacao.weebly.com/uploads/1/4/8/8/14881944/ghermmanmichel.pdf>

Aqui, a memória passa a ser a grande referência da escrita histórica. A historiografia se baseia em testemunhos dos sobreviventes da tragédia do povo judeu. Assim, os porta-vozes do massacre servem de matéria prima, de fonte para e escrita de uma história que os tem como referências principais.

Pode-se afirmar que nos últimos anos vêm o renascer do interesse sobre o holocausto, que permanece divorciado dos estudos sobre a Segunda Grande Guerra. Para além disso, entretanto, ele passava a funcionar como uma função bastante específica, qual seja, a construção de identidades. Neste campo, e este era o grande risco, os estudos da shoá não estariam restritos apenas aos estudos judaicos e de genocídios, mas passavam a ser produzidos no interior da comunidade judaica, ou em estruturas acadêmicas que buscavam ter com as comunidades vínculos políticos. Neste sentido, a shoá passaria a ser um “tema de judeus”.

### **Debate sobre a Shoá no Contexto Brasileiro**

No Brasil há semelhanças com os quadros citados acima. No contexto local há uma relevante produção acerca de estudos sobre a imigração judaica<sup>8</sup>, existe um debate bastante numeroso sobre a fuga de judeus da Europa ameaçada pelo nazismo<sup>9</sup> e podem até ser encontradas importantes publicações (acadêmicas e didáticas) sobre testemunhos de sobreviventes da shoá que se estabeleceram no país<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Algumas referências do debate acerca da questão da imigração judaica: GRIN, Monica. Etnicidade e Cultura Política no Brasil – O Caso de Imigrantes Judeus do Leste Europeu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 28; GRINBERG, Keila (Org.). *Os Judeus no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; FRIDMAN, Fania. *Paisagem estrangeira. Memórias de Um Bairro Judeu no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Faperj, CNPq, Casa da Palavra. 2007.

<sup>9</sup> Como exemplos de produções acerca deste debate: TUCCI, C. L. Maria. *O Anti-Semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1985; LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1995; KOIFMAN, Fabio: *Quixote nas Trevas: O Embaixador Souza Dantas e os Refugiados no Nazismo*. Rio de Janeiro. Editora: Record. Data: 2002.

<sup>10</sup>Aqui, apenas como exemplo cito dois entre os vários livros publicados por sobreviventes ou sobre sobreviventes, no Brasil. A temática desses livros é, via de regra, a experiência de sofrimento e humilhações de sobreviventes do holocausto durante a II Grande Guerra. Ver: **LAKS, Alexander; SENDER Tova. O Sobrevivente: Memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz. Rio de Janeiro: Record. 2014** & **BEN ABRAHAM. Izkor. São Paulo: Parma. 1979.**



Pode ser desnecessário atentar sobre o interesse político e acadêmico que biografias de sobreviventes, livros e pesquisas sobre a shoá tem por aqui. Porém, para demonstrar tal interesse bastaria notar o sucesso de vendas que tem tido livros sobre o tema e grande número de cursos e de pesquisas sobre a shoá realizados no país<sup>11</sup>. Por fim, vale destacar os esforços políticos protagonizados pela comunidade judaica, no sentido de transformar a temática escolar<sup>12</sup>.

Por outro lado, é interessante analisar uma espécie de silêncio sobre outro tema importante, qual seja, a participação de soldados judeus na Força Expedicionária Brasileira (FEB). Dentre os mais de 25 mil soldados brasileiros enviados à Europa, havia cerca de 40 judeus presentes. Apesar disso, pode-se notar que a produção sobre a participação judaica na FEB é pequena, ademais, é pequena também a visibilidade comunitária e social do assunto. Neste sentido, para além de haver poucas obras sobre a participação dos soldados judeus brasileiros e soldados na II Guerra Mundial, homenagens e eventos sobre o assunto, seja no interior da comunidade judaica, seja a interação comunitária com a sociedade maior.

Aqui, é interessante notar que mesmo no interior da área de estudos judaicos, há pouquíssimas pesquisas sobre, por exemplo, biografias destes judeus brasileiros que serviram na Força Expedicionária brasileira na Itália, as impressões de soldados de origem judaica ao serem convocados para lutar contra seus mais duros inimigos, ou mesmo a sociabilidade destes jovens que retornam da guerra para o seio de famílias judias e de suas respectivas comunidades. Enfim, as possibilidades temáticas poderiam ser variados e pungentes, mas elas, em grande medida, não garantiram muitas pesquisas e reflexões sobre a ida de judeus soldados para a guerra na Europa.

---

<sup>11</sup> Aqui podemos destacar, por exemplo, o Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, referência em estudo da shoá e seu arquivo digital, Arqshoá, grande sucesso de acessos mensais.

<sup>12</sup> Aqui destaco os programas de Marcha da Vida nas escolas judaicas e os projetos de lei que visam incluir o holocausto como matéria no programa de ensinos das escolas publicas brasileiras. Ver: <http://www.bnai-brith.com.br/>.

Como exceção, cito o livro de Israel Blajberg, "Soldados que Vieram de Longe"<sup>13</sup>, que mapeou e organizou os nomes de judeus que se juntaram a Força Expedicionária Brasileira. Para além do livro de Blajberg há um imenso deserto, um quase silêncio sobre o assunto.

Este quadro pode fazer crer que mesmo entre pesquisadores de temas afins, há uma "preferência" por estudos da shoá (bastante numerosos no Brasil) em relação a estudos, por exemplo, sobre a participação judaica-brasileira na II guerra mundial, que, como tentei demonstrar acima, eram bastante escassos nos contextos intelectual e comunitários do brasileiros.

Há uma outras possibilidades políticas de entendermos o contexto de produção de proposto acima. Pelo fato de o holocausto marcar a "excepcionalidade" da situação judaica na II Guerra mundial (KRAUSZ, 2009. P.111 )<sup>14</sup>, ele também pode iluminar perspectivas excepcionais em um contexto onde os judeus, como grupo minoritário, necessitam de uma "cartas de entrada" para a sociedade brasileira. Esse processo se torna mais relevante quando no Brasil dos anos 2000.

Durante os primeiros anos do século XXI, o país parece caminhar para um modelo claro de multiculturalismo, onde, em contra partida de uma "brasilidade" geral e compartilhada, cada grupo cultural e étnico busca trazer e construir novas identidades "hifenizadas" (LESSER, 2008.) e complementares. Aqui, referências à África (e a escravidão) passam a ser fundamentais na construção das novas identidades dos negros brasileiros. Tais negros passam agora a ser reconhecidos como afro-brasileiro. Da mesma forma, referências a invasões e às formas de genocídio passam a ser fundamentais na consolidação da identidade dos povos indígenas do Brasil.

---

<sup>13</sup> Blajberg, Israel; Campelo, Rui. Soldados que Vieram de Longe. Os 42 Heróis Judeus Brasileiros da Segunda Guerra Mundial. Rezende: AHIMTB, 2014.

<sup>14</sup> O debate sobre excepcionalidade judaica é estabelecido a partir dos estudos sobre excepcionalidade americana e ganha outro viés pelo debate sobre Israel e o Sionismo. A ideia de acerca da categoria de nação dos judeus contribui para a dimensão de excepcionalidade desterritorializada em uma Europa nacionalizada do século XX. Ver: KRAUSZ, Luiz. *Uma Viagem aos Judeus* In: <http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/11986/7127>. pp. 111-115.

Neste cenário multicultural em formação, referências similares (sempre positivas e de superação) estabelecem um novo discurso identitário brasileiro. Aqui, o japonês vira nipo-brasileiro, o chinês, sino-brasileiro, o árabe, árabe-brasileiro e por aí vai. Neste contexto, sofrimento, perseguição, luta e superação são elementos a ser considerados e valorizados.

Neste momento, o judeu sobrevivente da shoá se transforma em referência importante. Mais do que apenas mais um elemento na construção de identidade judaica, a condição de "sobrevivente da shoá" (ou de seus descendentes), pode garantir ao judeu um lugar privilegiado nesta nova "brasilidade em gestação"<sup>15</sup>. Assim, acredito que para além de ser apenas preferência pessoal de investigadores e da comunidade judaica brasileira, a hiper presença de temas ligados ao shoá pode indicar, no Brasil, produto de uma nova política de identidades que vai privilegiar experiências dramáticas de rupturas e tragédias, ou mesmo de trabalho e superação entre as "etnias" estabelecidas no Brasil.

Se para os indígenas as referências de genocídios passam a ser fundacionais neste discurso, se a escravidão passa a ser a grande referência para os afro-descendentes. No caso dos judeus-brasileiros, a shoá, a experiência do holocausto quase que se impõe. Neste contexto, o sobrevivente e não o soldado, passam a ser a referência a ser politicamente utilizada.

## **O Sobrevivente e o Soldado**

Pretendo agora fazer iniciar uma reflexão sobre o lugar político da "memória da shoá" no contexto da comunidade judaica brasileira<sup>16</sup>. Procurarei discutir esta possível "política de identidade" a partir de duas figuras bastante conhecidas do público brasileiro em geral, quais sejam: Salomão Malina, tenente do 11º regimento da FEB (e posterior dirigente do Partido Comunista Brasileiro) e o Sr. Aleksander LAKS,

---

<sup>15</sup> Este debate tem relação com a constituição da Secretaria de Proteção e Promoção da Igualdade Racial, criada em 2002 pelo governo federal. Tal Secretaria passa a contar com representantes de diversos grupos étnicos e culturais, que demandam a inclusão de suas narrativas culturais nos programas educacionais brasileiros. Ver: <http://www.seppir.gov.br/>

<sup>16</sup> Me refiro aqui a federações judaicas no Brasil

recentemente falecido a quem convencionou-se chamar somente de "sobrevivente do holocausto". Este título se explica pelo fato de Laks ter-se dedicado, principalmente nas últimas décadas de vida, a contar, nos mais variados ambientes educacionais, sua história pessoal, de carga dramática indiscreta, durante os anos da shoá.

Antes, cabe aqui lembrar que este debate, longe de ser restrito e local, é, como dito anteriormente, conhecido em outros ambientes fora do Brasil. Como já debatido, a participação judaica na guerra constitui-se de um fenômeno complexo e bastante diversificado. Para além de alguns milhares de soldados russos, americanos, poloneses, palestinos, britânicos, brasileiros etc, a presença judaica no conflito foi muito maior quando lavamos em conta os milhões de civis mortos em campos de extermínios, guetos e fuzilamentos no continente europeu.

Na memória coletiva judaica, (e aqui não se deve deixar de lado o tensionamento entre memória e história que existe na historiografia judaica tradicional, conforme sinaliza Paul Ricoeur ) (RICOEUR, 2010, PP.134), e na percepção mundial sobre o conflito, foi justamente o que Hilberg (HILLBERG, 1985) chama de "destruição dos judeus da Europa", que marcará, o papel que o judaísmo europeu terá no conflito. Para além de soldados em campos de batalha, os judeus foram participantes ativos daquela "outra Segunda Segunda Guerra Mundial". Nesta "guerra", cabe lembrar, eles participaram somente como vítimas, sem armas nas mãos, foram gaseados, fuzilados e mortos de todas as formas.

Para além disso, entretanto, proponho que discutamos aqui o lugar político que o sobrevivente tem no discurso produzido hoje no país. Neste contexto, a academia e a própria comunidade judaica se juntam a demandas políticas específicas contemporâneas que contribuem de sobre maneira para eclipsar o soldado judeu como referência de "participação judaica" na guerra.

Como já notado acima, o soldado judeu brasileiro que integra a Força Expedicionária Brasileira não teve lugar político ou gradativamente perde este espaço seja em produções acadêmicas ou em atividades produzidas pela própria comunidade judaica comunitárias. Este espaço é perdido para o "sobrevivente", a vítima por excelência de duas guerras que acontecem em paralelo na Europa e que ganha visibilidade e poder no "discurso comunitário". É, pois o sobrevivente que fala "em nome dos judeus". É o sobrevivente que

representa a comunidade judaica, é o sobrevivente que estabelece conexão com a sociedade brasileira. O sobrevivente passa a adotar o papel de "herói" na II Guerra.

Com o lema de "holocausto nunca mais", ele acaba tomando o espaço político e social dos soldados judeus, gradativamente relegados ao plano de integrantes da FEB, de soldados, de brasileiros e, eventualmente, no discurso hegemônico, de heróis do exército. Para além disso, poucos se lembram do fato, de que alguns membros do exército, que em última instância combateram os nazistas com armas na mão, eram judeus. De fato, judeus ashkenazitas (de origem europeia) membros reconhecidos da "comunidade judaica" que ao retornarem ao seu país de origem foram considerados mais heróis pelo país pelos quais lutaram e menos heróis pela comunidade judaica local. Para os judeus brasileiros, a grande referência de heroísmo era vinculada, e hoje está cada vez mais, aos sobreviventes.

Neste contexto, o sobrevivente não só ganha voz, como ele passa a ser uma espécie de importante recurso político a passa a ser usado e reutilizado, visando o ganho de legitimidade no cenário nacional. No Brasil, o sobrevivente passa a ser apresentado, questionado e ouvido. Em vários lugares, o sobrevivente ganha um novo status social, se transformando em categoria política importante e empurrando para a periferia social as experiências que poderiam também ser privilegiadas, como a dos soldados regulares que lutaram em guerras e conflitos armados tradicionais.

Como demonstrativo deste quadro, tomamos as biografias de dois judeus envolvidos diretamente com as experiências, respectivamente, de soldado regular e de sobrevivente do holocausto. Me refiro aqui a Salomão Malina e Alexander Laks. Ambos são membros da geração que foi mais duramente atingida pela segunda guerra Mundial. Malina, nascido em 1922, na cidade do Rio de Janeiro, e Laks, ou "Seu LAKS", como era carinhosamente chamado, nasceu na cidade de Lodz, na Polônia em 1926.

Além da dimensão geracional, havia uma proximidade político-geográfica entre ambos, se Laks nascera em Lodz, os pais de Malina eram originários da mesma cidade. Assim, em um irresponsável exercício de história contra-factual, podemos afirmar que o que determinara a experiência de vida do soldado Malina e a do sobrevivente Laks, poderia ser a decisão que os pais do primeiro tiveram de emigrar, logo após a I Guerra Mundial para o Brasil.

Enquanto isso, em última análise, os pais do segundo decidiram não sair de Lodz, o que parece ter determinado a dolorosa experiência de ser vítima dos nazistas, ter sido encarcerado no gueto e, posteriormente deportado para Aushwitz.

Malina teve na infância uma profunda sociabilidade judaica, vivia no Bairro da Praça 11, que contava com concentração judaica na cidade. Nesta ambiência ele se envolvera com um judaísmo progressista, típico da esquerda judaica europeia. Bastante integrado a realidade brasileira, Malina foi matriculado no Colégio Pedro II, onde se aproximou, muito jovem da militância na esquerda e se integrou, ainda estudante aos quadros do Partido Comunista do Brasil. Malina, junto com companheiros de partido, fez parte das mobilizações pela entrada do Brasil na Guerra . Depois do colégio, Malina se alistou no exercito, e serviu no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, de onde saiu Aspirante-a-Oficial da Arma de Infantaria.

Na FEB foi incorporado ao 11º. Regimento de Infantaria de São João d´El Rey, hoje o 11º. Batalhão de Infantaria de Montanha, tendo comandado o Pelotão de Minas, função natural para quem havia sido mandado fazer um curso de especialização nos Estados Unidos antes da Guerra nesta área. Pela participação na Guerra Malina foi condecorado com a maior condecoração do exército brasileiro, a cruz de combate de primeira classe.

Apesar de ser uma espécie de símbolo de integração e sucesso na guerra a mesma que produzira milhões de vítimas judas civis na Europa, poucas, são as referências acadêmicas e políticas a Malina nos estudos judaicos ou na politica interna da comunidade judaica. De fato para além de alguma homenagens e do já citado livro de Israel Blajberg, não há muitas publicações ou usos políticos da figura de um judeu condecorado na II Guerra Mundial.

Por outro lado, Alexander Laks se transforma, desde os anos 1990, no símbolo maior da experiência judaica na guerra, além de personificar a identidade judaica de maneira mais pungente, perante a comunidade judaica. Importante notar que Laks chega a representa a coletividade judaica em solenidades e homenagens diversas, nem todas ligadas diretamente ao holocausto ou a II Guerra Mundial<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Me refiro aqui a eventos ligados a Independência de Israel, a educação e a contatos com escolas e entidades de ensino judaico. Como exemplo, a manifestação contra a perseguição dos Bah'ái. Ver: [http://www.owurman.com/blog/index\\_17\\_05\\_10.htm](http://www.owurman.com/blog/index_17_05_10.htm).

Nascido em Lodz, Laks vai ser internado em um gueto da cidade aos 13 anos. Vivendo sobre a tirania de Chaim Rumkovski, líder judeu no gueto (dirigente do Judenrat- Conselho Judeu do Gueto), Laks fica no Gueto praticamente até sua eliminação, em 1944. De lá ele é deportado para Aushwitz, passando pelas marchas da morte, no inverno de 1945.

Ao contrário de Malina as narrativas de Laks são utilizadas até as náuseas pela comunidade judaica. Ele se transforma em uma espécie de máquina de contar a história do gueto e dos campos de extermínio pelos quais passou. A apresentações que ele faz em escolas, sindicatos, universidades, clubes, no exército, em partidos políticos e em tantos outros lugares são explicadas um como o compromisso do judeu com a "memória". Como resultado desses encontros, Laks torna-se conhecido na cidade e no país, é inúmeras vezes condecorado, além de ser tema de teses dissertações e livros.

No Brasil, o papel do judeu soldado judeu na guerra, é praticamente desconsiderado nos usos políticos da comunidade judaica. No contexto nacional temos impressão que apenas a experiência do sobrevivente parece importante. Não há encontros entre soldados e sobreviventes, os soldados judeus que combateram o nazismo não são convidados para palestras em escolas ou universidades, os veteranos não são chamados a prestar depoimentos em dias festivos e raramente são temas de dissertações e teses acadêmicas. É o sobrevivente que se torna a "figura do judeu", seja nos marcos comunitários, seja fora deles. O soldado, em contrapartida, apenas incorpora a referência do heroísmo brasileiro, seu judaísmo e sua identidade judaica são raramente mencionadas.

Aqui me pergunto quais são as motivações para que isso ocorra.. Em um primeiro momento, me parece que para além de vínculos com militares de outros contextos (me refiro aqui ao contexto de Israel e os conflitos com seus vizinhos) não há na comunidade judaica brasileira maiores relações com soldados judeus heróis de guerra.. Neste sentido, a referência fundamental parece ser o shoá que cria identidades e fortalece vínculos de destino entre judeus e judeus.

Outro ponto importante, a força do testemunho e do trauma incorporados nas falas de Laks devem ser entendidos a partir do seu já citado uso político. Neste sentido, todas as escolas, clubes e entidades que recebiam o "sobrevivente", dentro e fora da

“comunidade” ,acabavam por entende-lo como referência máxima do judeu, ou seja, a vítima ultimativa era o judeu por excelência. Aushwitz, assim pavimentava o caminho para um lugar político muito determinado em um Brasil novo que se desenhava no horizonte.

O mesmo não ocorria com Malina, ou com nenhum outro dos veteranos judeus da FEB. Os veteranos eram soldados, como outros soldados. Sua identidade judaica não havia determinado (a princípio) seu alistamento e nem sua vitimização. Ademais, não há nada de excepcional em ser soldado. Aqui, está claro que para a comunidade judaica, a figura chave do judeu deve ser a Aquela de Laks e não a de Malinas, a referência deve estar, com o sobrevivente do holocausto e com o veterano da II guerra.

Para além da chamada excepcionalidade judaica, a experiência de Laks é enormemente importante na consolidação de uma memória judaica no panteão de vitimas do nascente multiculturalismo brasileiro. Aqui ao lado do genocídio indígena, da escravidão negra, os anos 1990 marcam a entrada do excepcional sofrimento judaico na shoá, o que criará formas de diálogo e força política na nova realidade brasileira. Neste sentido, nada mais adequado do que ter um sobrevivente talentoso e comprometido para guardar sua chave, aqui Laks deixa de ser somente “O sobrevivente”, ele passa a ser a a imagem de judeu para a comunidade brasileira.

## **Conclusão**

Este artigo pretendeu servir de reflexão inicial acerca da construção da identidade e da memória dos judeus no Brasil; O fato de ter o fim da II Guerra Mundial ter sido pouco lembrado por membros da comunidade judaica brasileira e dos centros de estudos judaicos no Brasil abriu um questionamento acerca do significado deste quadro. Por outro lado, entidades judaicas, centros de estudos acadêmicos judaicos e grupos próximo de federações israelitas organizaram uma série de atos de lembrança em relação a liberação de Aushwitz, maior campo de concentração nazista. O que isso significava?



Tentei apresentar no artigo a ideia de que em cenários políticos determinados, a shoá e os sobrevivente podem servir para incorporar a imagem do judeu, perseguido e indefeso. Por outro lado, soldados regulares, que lutam de arma na mão servem pouco a interesses específicos, sendo alijados, ou quase alijados do discurso comunitário.

O conceito chave nessa situação tem a ver com excepcionalidade. Nada menos distante de uma situação excepcional do que a luta regular em exército regulares em exércitos regulares. Ao contrário disso, a análise e a biografia de "soldados judeus", na II Guerra Mundial, apontaria para exemplos de integração bem sucedido e heroísmo clássico.

Em contrapartida, a figura do judeus "sobrevivente" pode apontar para uma situação "especial", "fora de série" que permita a percepção do judeu como vítima de último grau, o que vai garantir que ele se coloque ao lado de outras "vítimas brasileira", sejam os escravos, ou índios ou outros grupos que para cá imigraram. Meu interesse no artigo foi intender como a memória da shoá pôde servir a interesses de uma comunidade judaica em uma situação de construção do multiculturalismo brasileiro. Neste contexto, sofrimento é poder e muito sofrimento é muito poder.

O debate sobre as biografias de dois judeus imigrantes para o Brasil, Malina e Laks, pretendeu iniciar uma discussão sobre o lugar diferenciado que a memória do shoá e da II Guerra tem hoje no Brasil. Pretendi fazer tal discussão analisando seus usos políticos e usos da memória, Finalmente a super exposição de Laks (e de outros sobrevivente da shoá) e o silenciamento comunitário apontam para preferência e tendências de uso político e imagem.

## **Bibliografia:**

ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém, um Relato sobre a Banalidade do Mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BEN ABRAHAM. **Izkor. São Paulo: Parma. 1979.**

BLAJBERG, Israel; CAMPELO, Rui. **Soldados que Vieram de Longe. Os 42 Heróis Judeus Brasileiros da Segunda Guerra Mundial.** Rezende: AHIMTB, 2014.

BURG, Avraham. **The Holocaust is Over We Must Rise From Its Ashes.** Pallgrave MacMillan: Nova York. 2008.

FRIEDLANDER, Saul. **Nazi Germany and the Jews: The Years of Persecution, 1933-1939.** New York : HarperCollins, 1997.

FRIDMAN, Fania. **Paisagem estrangeira. Memórias de Um Bairro Judeu no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Faperj, CNPq, Casa da Palavra. 2007.

GHERMAN, Michel. **O Sionismo e o Uso político9Pedagógico9da9Memória9da9Shoá.** In:<http://seminariomemoriatraumaereparacao.weebly.com/uploads/1/4/8/8/14881944/ghermmanmichel.pdf>.

GRINBERG, Keila (Org.). **Os Judeus no Brasil. Rio de Janeiro:** Civilização Brasileira, 2005.

GRIN, Monica. **Etnicidade e Cultura Política no Brasil – O Caso de Imigrantes Judeus do Leste Europeu.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 28.

HILBERG, Raul. **The Destruction of the European Jews: Revised and Definitive Edition .**Nova York: Holmes & Méier, 1985.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra: Uma História da Europa desde 1945.** Rio de Janeiro: Objetiva. 2007

KASSOW, Samuel. **Quem Escreverá Nossa História?** Saão Paulo: Companhia das Letras. 2009.

**KOIFMAN, Fabio: Quixote nas Trevas: O Embaixador Souza Dantas e os Refugiados no Nazismo** .Rio de Janeiro. Editora: Record. Data: 2002.

KRAUSZ, Luiz. **Uma Viagem aos Judeus** In: <http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/viewFile/11986/7127>.

**LAKS, Alexander; SENDER Tova. O Sobrevivente: Memórias de um brasileiro que escapou de Auschwitz. Rio de Janeiro: Record. 2014.**

LESSER, Jeffrey. **Uma diáspora Descontente: os Nipo-Brasileiros e os Significados da Militância Étnica 1960-1980**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LEVI, Primo. **Os afogados e os Sobreviventes: Os Delitos, os Castigos, as Cenas, as Impunidades**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ORLANDI, E. Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

RICEUR, Paul. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp . 2008.

TUCCI, C. L. Maria. **O Anti-Semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1885.

WASSERSTEIN, Bernard. **Na Iminência do Extermínio**. São Paulo Cultrix. 2014

WIESEL, Elie, **A Noite**. Rio de Janeiro : Ediouro, 2006.

#### **Fontes:**

<http://www.seppir.gov.br/>

<http://www.bnai-brith.com.br/>.

[http://www.owurman.com/blog/index\\_17\\_05\\_10.htm](http://www.owurman.com/blog/index_17_05_10.htm).

<http://www.haaretz.com/jewish/news/.premium-1.639023>

